

## **As interpretações em torno do graffiti e as identificações profissionais no âmbito da arte urbana<sup>1</sup>**

Fernanda Brasil Mendes (UFRGS/RS)

**Resumo:** O primeiro capítulo de minha tese será apresentado neste artigo. A pesquisa foi desenvolvida de 2014 a 2018, sendo defendida em abril de 2018. Foram realizadas onze entrevistas com grafiteiros e grafiteiras de idades entre 19 e 35 anos. Para preservar os grafiteiros entrevistados, foi atribuído um pseudônimo a cada um, assim são apresentadas suas falas. Os nomes utilizados em suas identificações se referem a pintores brasileiros considerados referência no âmbito da arte brasileira. Para o trabalho de campo participou-se de aulas e oficinas de graffiti de alguns dos grafiteiros entrevistados, bem como a observação de uma tarde de grafitagem. O entendimento do termo graffiti não é consensual, mas está relacionado ao contexto social, histórico ou científico de quem o define. A compreensão do graffiti se estabelece das variadas interpretações que circulam em torno de suas práticas. Portanto, novas facetas são descortinadas com reflexões sobre a construção das identificações profissionais dos grafiteiros na contemporaneidade. Inspirados na rua começam a desenvolver trabalhos comerciais e em conjunto com órgãos públicos, produzindo diversidade a seus trabalhos, para que essa profissionalização aconteça ampliam suas relações sociais, atravessando as fronteiras do graffiti e das amizades construídas ali, levando em conta a importância de seus pares que trazem um contorno definitivo no impulso dessa caminhada.

**Palavras-chave:** graffiti, identificações profissionais, arte urbana

### **Graffiti e contextos**

O graffiti possui vários estilos, alguns possuem um tom de reivindicação e contestação, outros constroem um momento de expressão para mostrar sua arte. Alguns grafiteiros incorporam o estilo e vivem a cultura de rua, procuram conhecer a história dos pioneiros desse movimento, desenvolvendo seus estilos de letra até chegar aos desenhos e personagens. Essa arte é efêmera por natureza e tem conteúdos diversos de crítica social até expressões enigmáticas. O graffiti passa pelos anos 1960, 1970 e 1980. Sem cessar seu trajeto, ele consagra-se como linguagem artística, expandindo sua expressão na mídia, nos jornais, na televisão e na Bienal.

O surgimento do graffiti contemporâneo deu-se através de manifestações juvenis na periferia de um país norte-americano. Não se nota um consenso no graffiti por conta das diferentes áreas de estudos que se interessam pela temática e por seus próprios

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

praticantes que direcionarão suas reflexões de acordo com suas experiências e visões de mundo. Contudo, o graffiti é a inscrição realizada em espaços públicos em suportes diferenciados (paredes, muros, postes, trens, etc.) e materiais diversos, não só o spray.

Uma das manifestações mais antigas, que exemplificam o graffiti, são os desenhos feitos nas paredes das cavernas, pinturas rupestres representadas por animais, caçadores e símbolos. Também são denominados como graffiti, aqueles rabiscos feitos desde criança. Gitahy (1999) vê as garatujas desenhadas nos bancos de praça, banheiros como um paralelo entre aquelas primeiras pinturas e a expressão pública. Por outro lado, o graffiti difundido nas cidades “[...] significa riscar, documentar, de forma consciente ou não, fatos e situações ao longo do tempo [e ainda] diz respeito a uma necessidade humana como dançar, falar, dormir, comer, etc.” (GITAHY, 1999, p. 13). Há a pintura mural, também reconhecida como aquela realizada nos túmulos dos faraós egípcios, que pode ser considerada um modelo para os grafiteiros latinos contemporâneos.

Já o graffiti, mundialmente conhecido, origina-se como expressão das camadas populares por ser produzido em muros públicos e privados, trazendo consigo o diferencial das outras artes, sendo disponível a todos. Por ser uma manifestação pública, não há motivos para a arte do graffiti ser fechada ao público. Outra peculiaridade dessa arte de rua é expor manifestações políticas e sociais à população. O graffiti veio democratizar a arte, pois está descomprometido com limitações espaciais e ideológicas. Todos os segmentos sociais podem participar e ter seus símbolos compondo o cenário de toda a cidade e serem lidos por todos.

Estas características aproximam graffiti e pichação, usam o mesmo suporte e o mesmo material, cidade e tintas. Os dois interferem na paisagem, sendo espontâneos, gratuitos, efêmeros e feitos nas ruas. Contudo, para Gitahy (1999), o graffiti origina-se das artes plásticas e a pichação, da escrita. O primeiro valoriza a imagem; o segundo valoriza a palavra, a letra, delineando a diferença entre o graffiti e a pichação. O autor afirma que todo mundo já pichou alguma vez e enumera alguns significados de pichação, corroborando com sua afirmação: ação ou efeito de pichar, escrever em muros e paredes, aplicar piche em, sujar com piche, falar mal.

Em contrapartida, há projetos de governo no sentido de distinguir a pichação do graffiti, produzindo legalidade ao graffiti, com a intenção de transformar pichadores em artistas com consciência estética e política. Com isso, reeduca-os para o convívio social, conduzindo a postura do grafiteiro e retirando-o da marginalidade.

Neste sentido, Gonçalves (2006) considera presente, no imaginário coletivo urbano, a diferença entre graffiti e pichação. O graffiti seria uma ferramenta de denúncia da exclusão. A pichação seria um produto de vandalismos. É importante considerar que algumas pessoas ainda não tenham clara a distinção entre essas atividades. Aqui se entende a distinção pelo traço, a estética que as atividades propõem em seu percurso. O graffiti e a pichação originaram-se da escrita, da letra. As assinaturas foram as primeiras expressões dessas atividades que, ainda hoje, as compõem. Ao longo do tempo, os grafiteiros desenvolveram traços, contornos e cores diferenciadas, influenciando nas letras mais elaboradas e foram distanciando-se da pichação.

O graffiti é “[...] uma questão ligada ao estilo e à identidade visual que os grafiteiros e crews adotam para estabelecer e constituir o seu espaço no contexto urbano dizendo, no meu entender, ‘eu estive/estou aqui’” (GONÇALVES, 2006, p. 64). Sendo assim, o graffiti é um símbolo de identidade visual dos jovens, bem como manifestação do imaginário desses, na qual há uma cidade desejada que convive com uma concreta. Portanto, o graffiti faz parte da identidade visual das cidades contemporâneas.

Para a maioria dos grafiteiros entrevistados para a pesquisa de doutorado, no início de suas atividades utilizavam “o rolinho”, por ser mais barato e viável quando queriam sair para pintar; algumas vezes compravam spray em ferragens; depois apareceram diferentes marcas e materiais especializados em graffiti. Conforme pesquisavam, realizavam oficinas e aprendiam uns com os outros, tomavam conhecimento dos diferentes bicos para spray, assim permitindo inúmeros traços que poderiam ser realizados com esses materiais. Começaram a acessar diferentes marcas de spray, inclusive importadas que, também, potencializaram seus trabalhos.

Para que um grafiteiro tenha destaque em sua atividade, segundo as conversas com os artistas participantes dessa pesquisa, é importante que vivencie a rua e pinte muito. Para eles, o grafiteiro deve possuir uma regularidade nas grafitagens. Dizem, também, que o reconhecimento virá pelo seu trabalho na rua e é pela repetição que se trará confiança, segurança no traço e mais visibilidade como aponta, um dos grafiteiros entrevistados, Benedito Calixto “[...] *ter bastante trampo na cidade e um trabalho de qualidade, né*”. Outro ponto, apresentado por eles, é a importância dos grafiteiros de destaque não serem competitivos ao extremo. Pontuam a necessidade de ter mais realizações e falar menos, ter humildade, preocupando-se com o material que utilizam, com o intuito de buscar qualidade em seu trabalho. Pintar em eventos, estar na rua,

podendo acontecer o que sugere Anita Malfatti, grafiteira entrevistada para a pesquisa: “[...] *daqui a pouco alguém vê o teu trabalho na rua, gosta e te chama, então, uma coisa alimenta a outra*”.

O graffiti, com o tempo e com o material adequado, ganha destaque e aperfeiçoamento. Os artistas começam a desenvolver marcas que são *tags*, personagens, mensagens ou desenhos. Alguns levam essas marcas, inclusive, a seus trabalhos profissionais sem ficar somente como registro nas ruas.

Para Di Cavalcanti, grafiteiro entrevistado, mesmo que alguns artistas tenham um desenho comum, todos têm seu estilo, seu traço, sua maneira de fazer, obtendo uma marca. Ele pinta pessoas negras, rostos “[...] *faço rostos bem coloridos, assim pra misturar a pessoa com a arte, com a cor*”. Também, grafita de improviso, salientando que não se prende a um estilo. Com sua arte, busca passar valores, utilizando os rostos negros, considerando isso como algo que pode fazer as pessoas pensarem, levando em conta o fato desse desenho não ser muito utilizado nos meios de comunicação em geral. Então, ele pinta na parede, e se uma criança passar e falar “olha ali o personagem dele”, se sente contemplado.

Na maioria dos casos, quando olham para os trabalhos dos artistas entrevistados desenvolvidos na rua ou em outro suporte, consegue-se identificar o estilo e relacionar ao artista. Podemos verificar seus trabalhos em diferentes bairros da cidade. Eles espalham suas marcas em variadas áreas e diversos suportes pelas ruas e pelos ambientes privados, alguns transitórios, outros com uma permanência mais longa como os produzidos nos ambientes fechados.

Cada grafiteiro deseja criar uma marca que produza uma identidade diferente de outro grafiteiro. Essa marca pode ser produzida em torno da coragem, ousadia, cores e espaços utilizados na grafiteagem pela inspiração do momento ou a criatividade que se expande do persistente treino e do trabalho. Alguns grafiteiros começam a desenhar em cadernos e bancos escolares, diante das aulas desinteressantes da escola. As histórias do início do caminho como grafiteiros têm, para muitos, algo como uma inspiração que vem desde criança por gostar de desenhar.

Anita Malfatti, grafiteira entrevistada para a pesquisa, diz ser comum no graffiti, ter seus caderninhos, mesmo antes de fazer propriamente graffiti, “[...] *era um passatempo, o ônibus tava demorado, ou ia na casa dos amigos, tava meio largada sem fazer nada, ficava desenhando*”. Relata que tem interesse em oficinas. No final de 2002, surgiu uma oficina de graffiti na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre

(RS). Contudo, entende que não é só fazer uma oficina para se considerar uma grafiteira, é preciso ir para a rua. Era frequentadora da Avenida Osvaldo Aranha (localizada em Porto Alegre, RS), onde ela diz que “tinha uns agitos lá”, pois se tratava de um local de reunião de jovens onde conheceu um grafiteiro com quem saía para pintar, descobriu, conseqüentemente, outras pessoas e, com o tempo, começou a pintar sozinha na rua.

Para Arcangelo Ianelli, grafiteiro entrevistado, sua primeira inspiração, no graffiti, foi a Feira do Livro, onde comprou uma revista que tinha um DVD sobre graffiti, “[...] *daí ali eu conheci a coisa, sabe*”. O assunto foi o grafiteiro Binho, de São Paulo, um dos mais antigos do Brasil. Para Arcangelo Ianelli, quem não conhece Binho Ribeiro não sabe o que é graffiti, “[...] *ele que fez muitos começarem, porque ele desenvolvia atividades como revista, DVD, tipo marca de roupa, sei lá... rede de lojas. Ai! ele tinha várias lojas que os caras representavam*”. Arcangelo Ianelli conta que “[...] *por muito tempo, ficou naquela coisa de experimentação, assim, 2006, comecei nos cadernos; 2007, comecei a fazer algo pelos muros assim, fiz muito pouco, lá no Cristal (cidade onde morava)*”. Ele gostava de pintar nas cidades por onde circulava, comenta que não achava “graça” pintar em Cristal. Outro grafiteiro que é inspiração para ele é Zezão, originário de São Paulo, mas de reconhecimento internacional. As entrevistas mostram as variadas inspirações que querem expressar ao ilustrar seu início na arte do graffiti, contudo, a importância de seus pares traz um contorno definitivo no impulso dessa caminhada.

O graffiti é uma atividade que requer prática, é no fazer que se aprende a manusear o spray, descobrindo, assim, os contornos, os sombreamentos, as sobreposições. No contexto do graffiti, existe a nova escola e a velha escola, servindo de modelo para os novatos. Essa convivência estabelece um status de respeito adquirido pela experiência, prática e reconhecimento dos trabalhos realizados. De uma certa forma, a velha escola é um espelho no qual se querem ver refletidos. Muitos “colam” nos grafiteiros mais experientes.

Um dos grafiteiros entrevistados aqui deu um exemplo de como ele fez para aprender com os mais antigos grafiteiros da cidade. Candido Portinari, grafiteiro participante da pesquisa, passava bastante tempo em um coletivo, fazia muitas perguntas, trocava muitas ideias. Desse contato, rendeu um trabalho como auxiliar em um dos trabalhos do coletivo que foi de grande porte. Estas experiências são importantes aos grafiteiros aprendizes, porque, além de aprenderem a atividade,

aprendem valores e habilidades. Com isso, também, passam a ver o que as vertentes do graffiti podem render como trabalho remunerado. Vendo outros grafiteiros tratar com clientes e negociar, eles começam a considerar possível essa perspectiva.

O graffiti faz parte da paisagem urbana das grandes cidades, em Porto Alegre, não é diferente. Ao mesmo tempo, o graffiti é intitulado de poluente, associado ao sujo e ao crime, ainda hoje. Por outro lado, há um grande interesse em sua produção artística. O graffiti é fascinante, principalmente, para as camadas mais jovens que o veem como um canal de expressão e sociabilidade, algo diferente com o qual podem expressar o que pensam, sair com os amigos onde quiserem, ouvindo o que gostam, curtindo as companhias e os percursos.

Outro elemento, presente no contexto do graffiti, é a atitude relacionada à denúncia da política e da exclusão social, envolvendo comprometimento com a “questão social”, isso proporciona ao grafiteiro importância perante o grupo. A atitude é demonstrada pela relação estabelecida com os meios de comunicação, distanciando o graffiti da pichação, pela realização de oficinas com jovens e crianças com poucas condições (GONÇALVES, 2006).

### **Graffiti, estética e política**

Em seu artigo *El arte urbano y la producción de sentidos políticos juveniles* (A arte urbana e a produção de sentidos políticos juvenis, em tradução livre), Uribe (2011) relembra a imagem do graffiti que foi modificada ao longo do tempo e que, nos anos 1960, era visto como ilegal, sem respeito por normas de urbanidade. As imagens foram modificadas, parcialmente, por alterações estéticas e técnicas assumidas e por normas presentes no espaço público. Sendo efêmera de essência, essa arte é consumida no momento em que é feita. Por isso, é um fenômeno transitório, um de seus objetivos consiste em modificar a paisagem na qual se insere.

Canclini (2000) observa o graffiti de forma sincrética e transcultural. Em alguns graffitis, as palavras e as imagens mesclam-se de estilo descontínuo, um aglomerado em uma parede de vários graffitis, comparado a um vídeo clipe. Outros graffitis buscam a estratégia da mescla da linguagem popular e da universitária. O graffiti traz, de forma marginal, efêmera, novas relações entre o público e o privado localizado no cotidiano e na política. O modo dos circuitos simbólicos levam a repensar os vínculos entre cultura e poder. As mediações, as buscas de gerir conflitos acarretam um espaço em destaque às

relações culturais em paralelo ao desenvolvimento político. Como diz Canclini (2000, p. 349), “[...] quando não conseguimos mudar o governante, nós o satirizamos”. Um dos exemplos em que isso pode ser visto é pelo graffiti. O graffiti pode ser carregado de ironia marcando sua posição com palavras e figuras que pode conter em si mensagens diversas, inclusive, mostrando opiniões sobre os governantes e o contexto no qual está inserido.

Decorrido alguns anos após o seu nascimento, o graffiti alçou uma maturidade, emergindo de um período de transgressões mais vazias. Com isso, contribuiu à sociedade positivamente, através dessa arte que, muitas vezes, apresenta mensagens políticas (CAMPOS, 2007). Souza (2013) escreve que o viés público do graffiti é o que o impulsiona. E se depender, exclusivamente, da mediação da administração pública e dos proprietários dos suportes acabará por enfraquecer. A cultura do graffiti, independente da forma na qual se apresenta (em galeria, museu, projeto social, texto de lei, etc.), alimentada sua raiz desviante.

O graffiti transmite o interesse político, ao questionar o que vê ao redor, mesmo que não utilize os meios tradicionais. Não se argumenta em graffiti político, mas o ato de pintar uma parede, a postura assumida neste momento, pontua-se como representativa disso, uma forma de transgredir as normas. Dessa forma:

No aspiran a cambiar el mundo por médio del arte urbano puesto que su aspiración política es diferente: controvertir las percepciones socialmente insituidas, cambiar la aparéncia de la ciudad, incitar uma reflexión, burlar las normas, cuestionar la situación presente, escandalizar (GERMANI, 2011, p. 10).

A política para os artistas não é algo tão explícito, mas está de alguma forma presente em suas atitudes nas ruas. Não é uma atitude transformadora, mas assume uma ação alternativa, uma vontade de se fazer ver, de estar presente e mostrar sua arte como forma de expressar-se. Em algumas argumentações dos grafiteiros entrevistados nesta pesquisa, pode-se perceber essa vontade. Para Arcangelo Ianelli, o conteúdo político do graffiti irá depender da vertente em que o artista se posiciona. O autor cita o trabalho do grafiteiro Crânio e d’Os Gêmeos, ambos de São Paulo, dizendo que desenham um personagem com traços nordestinos em que Crânio desenvolve “[...] *assim uma raça que é a raça dos amarelos*”. Um índio azul saltando da parede. O contexto do índio está inserido no urbano. Já Crânio “[...] *pinta o índio com caixinhas de Mac lanche, índios dormindo na rua, então, é muito impactante e muito político, sabe*”. Para Arcangelo

Ianelli, essa não era a intenção do artista, mas seu trabalho adquiriu essa proporção. O potencial político é frisado por ele, mesmo aos iniciantes na prática, considerado um ato de rebeldia, um ato político, “[...] *é tipo um contestar, mostrar que tu tá ali, sabe. É uma maneira que ele achou de dedicar um tempo que podia tá pensando merda, assaltando alguém, não, ele foca em outra coisa, acho que é tipo isso assim*”. Para Arcangelo Ianelli, a arte mostra um caminho criativo, de não permanecer na “mesmice”, mas tornar a vida produtiva.

Outro personagem desta pesquisa, a grafiteira Tarsila do Amaral insere o graffiti num papel político. Para ela, grafitar é compartilhar e isso já é um ato político, “[...] *ali, tu provoca questionamentos, recebe críticas e elogios, seja representando uma palavra, um personagem, colando um lambe ou sticker*”. Tarsila do Amaral salienta que o graffiti precisa avançar muito, bem como a arte em geral, no país, pois falta interesse pela cultura por parte da nova geração. Pontua que as escolas precisariam desenvolver esse gosto nos jovens. A arte não é só ter aulas de desenho na escola, “[...] *como se a arte fosse e coubesse apenas numa folha de ofício branca e ali tivesse que nascer uma figura realista*”. Em sua opinião, não só o belo é arte, é preciso trabalhar o olhar e a crítica sobre a arte nos alunos. Com isso, considera que muitos não compreendem que “[...] *o graffiti é um modo de se fazer política, arte e poesia. É como uma corrente gigante de geração para geração*”.

Para alguns dos grafiteiros entrevistados nesta pesquisa, a pichação aparece como diferencial pela atitude dos pichadores, por serem mais agressivos e passarem uma mensagem mais politizada. A pichação envolve a atitude de ir além do limite para deixar sua marca, alcançar lugares improváveis. Para Iberê Camargo, outro personagem da pesquisa, isso é um diferencial. Ele considera o pichador mais corajoso nesse sentido, mas pontua que tanto grafiteiro como pichador usam a mesma ferramenta. O que é de entendimento é que os dois usam a cidade; materiais comuns, interferem na paisagem, são espontâneos, efêmeros, gratuitos, tem uma origem comum. Contudo, o graffiti foi desenvolvendo uma estética própria e estilos de letras e desenhos, personagens para passar sua mensagem. Alguns grafiteiros saem para rua mantendo a ideia original que é deixar sua assinatura por várias partes da cidade. A pichação, todavia, está para a escrita, sem desenho, nem combinação de cores.

A relação entre graffiti e política para os grafiteiros foi construída ao longo de suas vivências. Produzem e revelam formas de fazer política por intermédio de suas relações, influências da mídia, dos pares e das formas que apropriam e redefinem seus



valores; e, também, na relação com o mercado. Percebem algumas prioridades que definem posições e atitudes diante de seu contexto social. As influências que trouxeram com as revistas, com os filmes, com as fotos, com os pares são articuladas, reelaboradas para a realidade em que vivem. A cultura apresenta-se mediadora na forma de fazer política não convencional, em uma luta exploradora de traços com suas mensagens implícitas ou explícitas e sua estética específica.

A atuação dos grafiteiros nas ruas tem conotação política, porque o graffiti é transgressor, democrático é uma expressão genuína daquele que está atuando na cidade. Inclusive o local escolhido para grafitar também traz essa conotação, pois muitos optam por locais escondidos, abandonados, chamando a atenção para esses espaços. De forma que a cultura mexe com a realidade social e existe gostem ou não, ela não pede autorização, ela faz-se presente. A política aparece, também, quando esses jovens transcendem às regras, violam a opressão existente na sociedade que hierarquiza e limita, muitas vezes, na forma da lei.

O graffiti é acessível, não distingue valores, cores, classes. Aqueles grafiteiros que estão envolvidos com a profissionalização do graffiti e não fazem trabalhos sociais regularmente, percebem o cunho político e social do graffiti como algo distante, como algo que ficou no passado. Já aqueles envolvidos constantemente com trabalhos sociais, percebem o papel social e o papel político do graffiti, característico dessa atividade que propicia um resgate de valores, em que a estética torna-se uma característica dele em que a política caminha junto com a estética para posicionarem-se no espaço público.

O trabalho dos jovens grafiteiros é visto por alguns como vandalismo, alienação, vadiagem, gerando tensão entre as visões sobre esses grafiteiros. A partir dos estilos que recriam, visual ou comportamental, redimensionam e redirecionam a forma de fazer política, nesse caso, mais presente na esfera cultural. A estética baliza, ao longo do percurso do graffiti e dos grafiteiros, sua atitude política e procuram elementos que tenham a ver com seu estilo de vida. Fazem arte, graffiti, tentando mudar o “mundo” e as suas vidas ao seu modo com uma forma alternativa de arte e de forma a inserir esta arte no mundo do trabalho com as experiências que trazem dos movimentos urbanos, da rua e de outras influências que construíram como grafiteiros e como trabalhadores, fabricando pontes e fazendo mediações.

O graffiti, ao longo de sua história, abriu seu espaço, envolvido em tensões e negociações. Inicialmente, ocupava um espaço nos guetos distante de locais mais centrais. Ele era visto de forma marginal por seus praticantes bem como pela população.

Com o seu desenvolvimento, essa atividade foi expandindo-se para locais mais variados como bairros, cidades, países. Assim, adquiriu-se, além do espaço periférico, uma posição mais central das grandes cidades na vida urbana. Ainda hoje, estas tensões e negociações estão presentes, modificam-se ao longo do tempo, tendo seus praticantes desenvoltura para lidar com essas questões e trazer consigo uma visão ampla do social.

A rua é um espaço de afetos, amizades, pertencimentos, grupos, conflitos, negociações. Os grafiteiros não deixam de vivenciá-la como uma forma de reverência por aquilo que acreditam ter conquistado por meio de suas vivências neste espaço. Na rua, o graffiti mesmo realizado individualmente, têm intervenções, comentários, é quase um movimento coletivo em que podem aprimorar seu potencial político. Já no pós-graffiti, a criação é mais individual com os trabalhos nas telas ou no computador. Contudo, o pós-graffiti não contempla as interferências das ruas. No graffiti, prevalece a estética do improvisado. A expressão plástica dos grafiteiros, por mensagens, através de frases ou desenhos, consciente ou inconscientemente estão ressignificando espaços pelos quais se expressam nas ruas. Imprimir algo, escrever, desenhar é comunicar, expressar. Está ali, mesmo que seu criador não esteja abrindo para novos sentidos e significados a partir do olhar do observador.

### **Graffiti, discussões e interpretações**

O entendimento, sobre o que é graffiti não é consensual, mas está relacionado ao contexto social, histórico ou científico de quem o define. O interesse, em relação ao graffiti, cresce em proporção ao crescimento do próprio fenômeno. Várias áreas do conhecimento estudam o assunto. Sua linguagem está presente nas ruas tornando um problema social. A definição do graffiti é complexa, em decorrência das diversas áreas que estudam esse fenômeno, bem como a ideia das pessoas em torno dessa atividade (CAMPOS, 2007).

Os praticantes do graffiti também o definem de diversas formas, caracterizando-o como um fenômeno em constante mudança. Alguns artistas passam por certa ambiguidade e mutação, pois em um momento estão no auge e em outro são esquecidos. Isso dificulta possíveis definições, porque não há certeza absoluta em relação a ele. Para as pessoas que não são praticantes do graffiti, o termo graffiti tem a ver com as inscrições realizadas nos espaços urbanos, em suportes variados como muros, paredes, mobiliários produzidos com instrumentos variados, principalmente, com o spray.

Para ilustrar o olhar dos próprios grafiteiros sobre o graffiti, traz-se algumas reflexões dos artistas entrevistados nesta pesquisa. Ressalva Antônio Parreiras, grafiteiro entrevistado, que o graffiti é uma forma de expressão, um registro em lugares por onde passou e deixou registrado algo daquele momento. Quando ele passar ali novamente, trará aquelas lembranças e sua expressão. Para Almeida Junior, grafiteiro entrevistado para a pesquisa, “[...] *graffiti é o ato de sair pra rua e rabiscar, marcar o mobiliário urbano, independente do tipo de intervenção, quando está na rua, pode ser chamado de graffiti*”. Di Cavalcanti considera o graffiti “[...] *a voz do povo. Eu consigo mostrar o que eu quero mostrar, que um jovem de periferia, que um jovem de comunidade, ele pode alcançar diversas coisas com o que ele quer, com o que ele insiste. Então, para mim o graffiti é um resgate de autoestima, de resgate social, de uma ferramenta de construir um cidadão, pra mim é isso*”.

Arcangelo Ianelli afirma, tecnicamente, que o spray no graffiti pode ser utilizado ou não, sendo sua realização obrigatoriamente na rua de forma ilegal, pois, para o entrevistado, “graffiti autorizado não existe”. Explica que as técnicas do graffiti podem ser realizadas em outros suportes, mas o graffiti em sua essência é feito na rua. Salienta que “[...] *no dia que autorizarem, meio que tá autorizado, mas no dia que autorizar total, não sei se vai existir, mas vai perder a coisa assim, sabe...*”.

Iberê Camargo, outro personagem da pesquisa, vê o graffiti como uma forma de expressão pura, pois é gratuito, na rua qualquer pessoa, independente de classe ou crenças, pode ver a mensagem e interpretar, inclusive de diferentes maneiras.

Para Campos (2007), há uma sobreposição de ideias, no graffiti, que seriam arte e criminalidade. Essa relação interage, mas bifurcam-se dependendo do objetivo de seus praticantes. A ilegalidade vira elemento de transgressão e subversão. Entretanto, a legalidade é sinônimo de atividade artística. Para o graffiti ilegal, a preocupação da qualidade do desenho não é prioridade, e sim uma afronta aos poderes e às convenções. Já o graffiti legal tem preocupação em qualificar o traçado, o produto final. Na história do graffiti, muitos estudiosos inseriram-no na *street art* (arte de rua, em tradução livre) por sua dimensão artística e por sua força na proposta estética. Para o autor, o graffiti teria inaugurado uma forma de comunicação artística nas ruas, trazendo uma democratização dessa proposta estética.

Esta visão do graffiti é construída pela transfiguração a qual ele passa, formando representações em torno desta atividade tanto por seus membros quanto pela comunidade em geral. Para os grafiteiros, é positivo, porque, em torno deles, a noção de

identidade parece ser mais flexível, podendo ser visto como um artista, um marginal, um trabalhador ou um vagabundo. Isso leva a uma alternância entre os discursos de diferentes instâncias que versam e distinguem arte de crime.

As descrições, em relação aos grafiteiros, estiveram permeadas dessa dualidade, entre uma faceta obscura e/ou aceitável, marginal, ilegal, transgressora a uma faceta legal, moderna, construtiva. Para muitos, os grafiteiros caracterizam-se como marginais ou artistas, dependendo da forma como se expressam na cidade. Eles possuem noção dessa dualidade e exploram de forma consciente essa passagem por esses polos.

O graffiti produzido com consentimento não traz consigo um elemento que sempre foi associado a si mesmo, a transgressão. Para Campos (2007), o graffiti, dessa forma, configura-se como um exercício artístico, um mural. Há quem não utilize a expressão graffiti nesse tipo de trabalho. Algumas pessoas consideram-no como muralismo e defendem ideia de ser uma obra durável. Na transgressão, essa durabilidade escapa, o mais importante é o momento, é o lúdico.

Esse movimento do graffiti mais artístico aparece ao longo de sua história. Poucos anos após seu nascimento, os grafiteiros “[...] utilizavam as telas como suporte para trabalhos realizados com as técnicas e os instrumentos convencionais do graffiti” (CAMPOS, 2007, p. 317-318). Souza (2013) escreve que alguns grafiteiros se submetem aos mecanismos de “domesticação” da atividade apontados como leis, projetos sociais e espaço pertencentes às artes plásticas. Outros grafiteiros não se relacionam a esses mecanismos. Mesmo desvinculado do estigma de atividade desviante, essencialmente e originalmente, o graffiti sempre foi transgressor por ser produzido sem a mediação da administração pública, sociedade civil organizada ou do mundo oficial das artes plásticas. Eles possuem diversos posicionamentos políticos.

Arthur Hunold Lara (1996) percebeu, nos anos 1990, a institucionalização do graffiti, movimento inicialmente apresentado como alternativo. Essa faceta “diferente” do graffiti ainda está presente como mais uma de suas ambiguidades. Mesmo no pós-graffiti, seus clientes incorporam-no como algo alternativo e personalizado. Lara (1996) salienta a característica de ser uma arte sempre em movimento.

A aproximação do graffiti ao campo das artes plásticas, ao mercado de arte, trouxe um novo estatuto aos grafiteiros, indo além dos circuitos marginais. No início, as produções de avaliação e apreciação realizavam-se em torno de um grupo específico entre os pares. Com a transposição ao circuito das artes, houve uma maior articulação do que somente ao campo da subcultura. A aprovação e o reconhecimento de fora trarão

elementos novos ao graffiti. Essa avaliação externa abre espaço a eles, conseqüentemente, cresce o interesse por parte de críticos de arte, artistas e outros, trazendo ao graffiti um valor estético e cultural (CAMPOS, 2007). O graffiti está em evidência neste início de século. Todavia, Souza (2013) afirma que muitos críticos de arte o veem como marginal no espaço das artes plásticas.

Sua transição é evidente nos suportes utilizados na sua produção, deslocando-se do espaço público a ambientes privados como roupas, propagandas, telas. Quando a sua estética está situada no espaço público, é considerado o verdadeiro graffiti, porém quando está presente em um suporte privado é classificado como *street art*, “[...] para que seu sentido atinja a plenitude no interior do ‘mundo oficial das artes plásticas’” (SOUZA, 2013, p. 88). Ferro (2010) salienta que há conflito entre grafiteiros que pintam apenas nas ruas e aqueles que comercializam seus produtos. Os mais ortodoxos poderiam utilizar como slogan “graffiti pelo graffiti”, sendo constante o debate da comercialização dos produtos oriundos dessa prática.

O ser grafiteiro vincula-se ao imaginário da rua, da transgressão, da liberdade, da criatividade, sendo diretamente relacionado à reflexão feita sobre o graffiti. A seguir, serão apresentados alguns trechos das entrevistas realizadas para essa pesquisa que refletem sobre “ser grafiteiro”.

Di Cavalcanti: “[...] *ser grafiteiro têm várias coisas pra mim, porque o graffiti tem diversos segmentos, não é só do movimento hip hop. Eu faço graffiti do movimento hip hop, no caso, atuo pelas causas sociais e também pelo lado artístico, de poder expor o que eu quero, toda a minha revolta ou, no caso, coisas que eu penso no dia a dia, do meu senso crítico, político e social*”.

Arcangelo Ianelli: “*Bah! não sei... pensar, é muitas coisas, entre elas é tipo um ativismo, tipo uma guerra poética assim. É testar os limites da sociedade, tipo se um lugar é proibido, vou dar um jeito de fazer, e quando eles enxergarem, eles nem sabem como surgiu, porque é proibido e ninguém poderia fazer, mas alguém fez. É tipo uma guerra nesse sentido sabe. É um jogo de lógicas assim*”.

Pedro Américo: “*Desafiante e libertário*”.

Iberê Camargo: “*É difícil. Ser grafiteiro é bom, pelo lado tipo assim... às vezes, tu tá com uma carga de energia, tu vai pintar passou. A arte ela te ensina, ela te equilibra muito, é o lado bom da coisa. Mas, tudo tem o lado bom e ruim, né? O lado ruim que eu vejo, às vezes, tu tá pintando assim..., num final de semana, um muro impróprio, assim ou abandonado, depredado e sempre vem alguém pra se encarnar,*

tipo... guarda municipal, polícia. No meu ver eu fico tapado de nojo, assim bem na palavra, porque tem um monte de coisa irregular na cidade e eles estão proibindo graffiti, tipo... tem que deixar pintar, a galera pintar”.

Almeida Junior: “É um cotidiano complexo, pois o graffiti em si é a parte mais legal, o difícil é saber o que fazer quando não está grafitando. Pesquisa e muita dedicação é muito importante para ter um histórico bem-sucedido”.

Tarsila do Amaral: “Uma forma de manifestar arte, política, poesia, imagem. Demarcar território de maneira que este trabalho realizado comunique algo para com o público. Realizo personagens que não os defino em gênero, apenas criaturas que pinto compondo com elas algum cenário surreal e/ou unindo com palavras soltas, frases que fazem algum sentido pessoal, ironias ou poesias”.

Antônio Parreiras: “Eu acho que o mais importante disso, assim, o estilo de vida mais urbano, né? tá mais na rua, conviver com vários tipos de pessoas diferentes, seria a principal característica.

Abigail de Andrade: “É sair pra rua e pintar, sobretudo, independente de poder ou não poder, de poder ganhar dinheiro ou de não ganhar, pegar a tinta que tu tiver e se não tiver tinta, não sei, é ir pra rua e pintar sem compromisso, sem cobranças, sem expectativa. Acho que é uma coisa assim livre, solta, ilegal, né? embora acho que as pessoas já aceitem mais a coisa do graffiti. É simplesmente tu olhar pra uma parede e ‘eu quero ver meu desenho aqui’, e ir lá e fazer. Acho que é mais ou menos isso”.

Anita Malfatti: “Eu acho até que de repente eu sou assim, quando eu saio na rua porque eu gosto assim, é o que eu mais gosto é sair pra pintar livremente, mas eu sei que daí uns vão falar “ah! não essa daí é comercial, vendida, não sei que...”. É por causa que é dos meios, de repente tu não, que nem tô te falando, se eu chegar pra alguém que fez I.A (Instituto de Artes) e falar que as coisas do brick são arte, pras pessoas que fizeram I.A. as coisas do brick não são arte, sei lá se é ou não é. Daqui a pouco tu chega pros caras mais assim radical do graffiti vão dizer que eu não sou, porque vendo meu trabalho, então como a gente não pode agradar todo mundo, eu vou atrás de agradar a mim, porque eu adoraria só pintar na rua, só que nem tu viu eu tenho trinta e um anos e eu moro com meus pais, então porque eu vou ir atrás de uma profissão que não tem nada a ver com que eu faço pra não ser comercial. Eu aproveito pra vender também as coisas e o que todos esses anos eu vim aperfeiçoando. Então, não faria sentido, né?”.

A adrenalina que expressam ao segurar o spray, assinar, fazer um desenho, deixar sua marca pelos lugares por onde passam e transgredir regras é visível. A liberdade é a sensação de produzir uma arte na qual muitas pessoas possam apreciar a liberdade de criação e a inspiração no momento da prática, de poder passar uma mensagem da qual acreditam ser libertadora e de respeito. Significa o desejo de fazer e poder sair e pintar, com a finalidade de exercitar a criatividade e, também, participar da cena, pertencer a um grupo, um modo de ser jovem e de construir vivências.

A definição do graffiti permeia o imaginário daqueles que não são tão atentos às nuances que diferenciam o graffiti da pichação. Suas fronteiras são escorregadias, porque o espaço onde é realizado e os materiais utilizados são compatíveis. A atitude inicial também pode coincidir, ou seja, sair para a rua e “riscar”. Para o grafiteiro, Candido Portinari, o que diferencia graffiti e pichação é a estética. A pichação é uma estética brasileira. A diferença estaria na identidade visual, a forma de desenhar a letra. Arcangelo Ianelli, em sua explicação sobre o graffiti, disse que este é uma arte caligráfica e tem diferentes letras e a pichação diferencia-se pelo formato da letra reta.

O graffiti não pode ser visto somente pela dimensão da poluição visual. Para Silveira (2012), isto acarreta uma questão de ambiguidade presente nas visões sobre o graffiti. Nem o graffiti nem a pichação são os únicos elementos que trariam uma poluição à paisagem urbana, teriam outros fatores como lixos, anúncios publicitários, etc. O que lhes interessa é ocupar o espaço, serem vistos. Há um embate político pela ocupação do espaço público, as propagandas e os anúncios comerciais impõem e ocupam alguns espaços grafitáveis da cidade. Portanto, essas práticas tornar-se-iam vazias, taxadas como poluição visual. Os graffitis mostram algo a mais, falam sobre seus praticantes, sobre seus estilos e sobre regras de ocupação dos espaços.

Onde está o graffiti? Na rua. Os grafiteiros, quando se expressam, fazem questão de pontuar esta ideia. Muitas vezes, eles afirmam que as pessoas confundem ou nem mesmo sabem que o graffiti dentro de galeria – autorizado – não existe. Porém, em sinal de rebeldia, por vezes, não corrigem e não expressavam sua ideia. Como forma de ilustrar o pensamento dos grafiteiros entrevistados, expressões foram retiradas das conversas e da bibliografia consultada em torno do que é graffiti: riscar, necessidade, vício, democrático, descomprometido, gratuito, transgressão, ilegal, arte, autoestima, cidadania, liberdade, não autorizado, rua, expressão, identidade de grupo, contestação, pintar por gosto e inquietações próprias, assinaturas. Pintar significa liberdade, ter momentos livres, é uma forma de subverter o que está dado, a realidade, porque não é a

regra. Pintar nas ruas está fora das regras, das normas. Na rua, há outras interpretações, interferências, também, transgressoras, porque “violam” os significados. É a expressão da pessoa, mas que pode ser ouvida e vista por muitos.

Esta cultura apresenta como atributos a sociabilidade e a possibilidade de expressar-se independente de normas. Expressão visual em que fala de si, usando sua marca e pode ser ouvido pelos outros quando alguém se identifica com o exposto. A legalidade, da qual Campos (2007) refere-se, não está presente no graffiti. No desenho ou na assinatura o motor é o ato de expressar-se, de mostrar-se.

O graffiti, como expressão artística nas ruas, convive com a ilegalidade, com o crime, ele burla o código social por não ser autorizado. Os graffitis estão espalhados por todos os espaços da cidade. Todos esses discursos fazem parte da cidade. O ser grafiteiro conversa com as intempéries da rua e do governo. As pessoas questionam se é legal e o governo reprime com o seu braço policial. Por vezes, polícia e transeuntes admiram e querem saber sobre o trabalho, pois, atualmente, o graffiti é bastante difundido.

Esses fatores enriquecem a vida de artistas/grafiteiros, porque se tornam histórias contadas para ilustrar o seu jeito de ser grafiteiro. Algumas histórias são de indignação e outras de motivação, mas sempre com entusiasmo de ter feito algo diferente, algo motivador. Nisto tudo, aparece, também, a possibilidade de ter um jeito de se portar, um jeito de se vestir, um jeito de se apresentar, um jeito de falar, um jeito de construir suas identificações. Estas possibilidades, estas proibições e estas histórias constroem as identidades do ser grafiteiro.

Os grafiteiros entrevistados são colocados em xeque por alguns artistas e por outros grafiteiros, que não dividem as mesmas aspirações e pontos de vistas: uns por não fazerem trabalhos comerciais; outros por apresentarem definições diferentes do que significa arte. Os grafiteiros aqui entrevistados transitam entre esses dois mundos, vivem essas ambiguidades no seu cotidiano, cruzam entre a regra e a transgressão e compartilham momentos de liberdade com momentos de cerceamento. Esses espaços criados pelos jovens, onde desenvolvem suas expressões pela criatividade e sociabilidade, são ponto de encontro, de construção de identidades individuais e coletivas, onde há momentos de compartilhamento, mas de competição, também. Por isso, a prática do graffiti é rica, e não se limita ao ilegal e ao vandalismo, pois esta não se identifica apenas dessa forma.



A rua democratiza estas vivências e o graffiti não pode ser reduzido a uma interpretação ou definição apenas, sendo um tema complexo e rico por nele conter todos esses sentidos e práticas que dependerão do olhar do observador ou de seu praticante. Neste ambiente, os grafiteiros aprendem os contornos dos relacionamentos, da negociação, do compartilhamento, da competição, da autoestima, da territorialidade, do preconceito. Estes jovens querem ser livres o quanto puderem, portanto, nessa prática priorizam esse prazer. Na rua, eles podem encontrar, junto a seus pares, o distanciamento da opressão das regras constantemente aplicadas pelos mais velhos. Sua hibridez, a junção de seus vários elementos e de suas variadas camadas, faz o graffiti perpassar pelo imaginário social com características diversas e discursos variados de admiradores e de não-admiradores ou de seus praticantes.

Neste trabalho, não se percebe o graffiti como descaracterizado. Aqui se entende o graffiti como uma ação transgressora, efêmera. Ao invés de domesticar-se, institucionalizar-se, ele passou por modificações que lhe possibilitaram emergir ao âmbito profissional, dessa forma passou do graffiti ao pós-graffiti. A convivência do graffiti com o pós-graffiti nem sempre se faz sem tensões, por conta de alguns atributos que ambos sustentam, visto como questões não conciliáveis. E apresenta-se como arte ou como crime, como uma manifestação democrática. Cada indivíduo define à sua maneira, cada um com seu olhar, ressaltando a riqueza e complexidade da temática. Não podemos apenas simplificar em dicotomias, pois é de vasto conteúdo e significado.

### **Considerações Finais**

Os grafiteiros utilizavam diferentes suportes para imprimirem a identidade do graffiti em espaços variados. Contudo, atualmente, os trabalhos com influências do graffiti voltam-se ao mercado em diferentes produtos e projetos. Desta forma, conseguem desvincular a imagem estigmatizante de percepção do graffiti como atividade “desviante”, hoje assumindo diversas imagens diante dos profissionais com essas influências.

As interpretações sobre o graffiti ampliam sua imagem, sendo um importante caminho à profissionalização. Em conjunto com essa perspectiva, a motivação atual pelo novo, pela personalização de objetos e de ambientes e pelo viés da estetização, abre-se caminho à diversificação de trabalhos pelos quais os grafiteiros podem circular para se desenvolver no âmbito da economia criativa; embora não percam totalmente a

vivacidade, inquietude, prazer, vindos de suas experiências juvenis e da grafiteagem. As mídias sociais têm papel importante em todo esse processo, pois a visibilidade potencializa-se, bem como as relações regionais e internacionais podem ser articuladas.

Inúmeras incertezas passam pelo campo artístico, relacionando-se tanto ao público que consome arte, que pode discutir a necessidade e o valor, quanto ao próprio produtor, que pode questionar em relação às preferências e às vontades do público, à qualidade do produto. No entanto, alguns jovens correm este risco e constroem sua profissão nessa área. Aqueles que fazem parte de coletivos ou agência de artistas têm um tom mais profissional do que aqueles que tentam individualmente manter-se nesse mercado da economia criativa. O uso da tecnologia em suas produções foi de grande importância para poderem diversificar suas produções.

O grafiteiro é produto e produtor de suas criações. Veem o trabalho que desenvolvem não como um meio de vida simplesmente, mas percebem como vocação na qual podem se sentirem reconhecidos e valorizados. Trabalhar por projeto é visto como algo intrínseco à vida profissional escolhida. Entretanto, quando refletem sobre o futuro, a instabilidade, isto gera certa insegurança. Apesar disso, esta não é tão grande quanto à vontade de manterem-se nesse ramo de atividade profissional.

As rupturas pelas quais atravessam e algumas frustrações fazem com que sejam capazes de produzir esforços para lidar com as diversidades cotidianas. O reconhecimento conquistado, a ver pelos trabalhos que realizam com empresas e órgãos públicos, foi trazendo-lhes confiança e amadurecimento, orgulho por terem oportunidades conquistadas pelo esforço em levar suas criações a público. A transformação de imagens estigmatizantes em autorealização traz-lhes muita alegria e autoestima. Esses sentimentos carregam, também, um sentido de autolegitimação como se tivessem certeza de ser o melhor caminho profissional a seguir.

Os grafiteiros participantes da pesquisa têm formas diferentes de ser grafiteiro, levando esse aprendizado a suas vidas profissionais como arte educadores, artistas, tatuadores, empreendedores. Em seus discursos, pode-se constatar essas identificações reveladoras de suas condutas e a forma como veem e fazem graffiti, apresentando dois perfis profissionais, ligados a arte educação ou a um viés mais artístico.

Pelos discursos dos entrevistados, pode-se perceber aqueles que valorizam o conhecimento sobre a história do graffiti e de seus pioneiros – dos mais antigos na prática – bem como os mais novos que vem se destacando. Eles se consideram pertencentes a um movimento mais amplo, que abarca grafiteiros do mundo todo, não

ficam tão presos ao local e fazem questão de manter alguns elementos que consideram parte da história do graffiti. Diferentemente daqueles que priorizam o presente, a sua criação individual, sem procurarem aprofundar-se na história do graffiti e de seus pioneiros, possuem uma visão mais fragmentada, inclusive não gostam de rotulações, mas se consideram grafiteiros por “ter trampo na rua”.

É importante, para os grafiteiros, a visibilidade de seus trabalhos. Por isso, quanto mais trabalhos realizarem, mais visíveis estarão. As redes sociais contribuem bastante para esta visibilidade, sendo que muitos trabalhos são compartilhados nas páginas e perfis digitais dos artistas. O grupo de pares tem papel importante na divulgação e abertura de espaço para realização de trabalhos, sendo os primeiros a oferecerem as paredes de suas casas para servirem de suporte a suas “artes” e como rede de compartilhamento dos trabalhos dos amigos nas redes sociais.

Outra forma de maior visibilidade é realizar trabalhos em empresas ou eventos com grande movimento, mesmo recebendo apenas o material para a feitura da pintura, pois se acredita que dessas oportunidades podem originar novos convites de trabalho. Apenas a inspiração externa, de ver seu ídolo conquistando uma carreira artística, por exemplo, não é o suficiente para concretizarem a escolha profissional, precisam criar estratégias como essas para manterem-se atuantes. Há um protagonismo nesse caminho.

Consideram uma conquista importante sobreviver dos frutos dos trabalhos que desenvolvem, conquista alcançada por meio de estratégias aprendidas no caminho e que servem como base à manutenção nesse mercado. São estas: fazer trabalhos em locais com mais visibilidade e que possam, também, compartilhar nas redes; fazer desenho por material na casa de amigos com o mesmo objetivo; abrir suas relações de amizade e profissionais; variar os produtos produzidos; estudar diversas influências culturais de formas e de materiais; fazer intercâmbios internacionais e regionais; participar de eventos de graffiti regionais e internacionais; fazer exposições.

O trabalho é importante nessa construção, para afirmar identidades e status social, sendo a socialização profissional construída na prática para esses grafiteiros. As estratégias, as relações e as capacitações projetam-se no fazer, no cotidiano, nos encontros. A identidade é personalizada, mesmo para aqueles que participam de coletivos, não tendo uma empresa para criar um vínculo, personalizam as relações e as identificações, portanto, são abertas e elaboradas ao longo de suas jornadas. Para esses grafiteiros, o tempo de não trabalho é produtivo por conta da origem da sua ocupação. Estes momentos são fortuitos para criar, pensar, estudar mais produtos, exposições,

enfim, são momentos de criação e não de vazio. O negativo desses períodos é a questão da não remuneração.

### Referências:

CAMPOS, Ricardo Marnoto de Oliveira. **Pintando a cidade**: uma abordagem antropológica ao graffiti urbano. 2007. 512 f. Tese (Doutorado em Antropologia Visual) – Universidade Aberta, Lisboa, 2007. Disponível em: <[https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/765/1/TD\\_RicardoCampos.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/765/1/TD_RicardoCampos.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2016.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

FERRO, Lígia. O graffiti mediador: reflexões sobre as metamorfoses da prática em três cidades. In: VELHO, Gilberto; DUARTE, Liz Fernando Dias (orgs.). **Juventude contemporânea**: culturas, gostos e carreiras. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/157954673/Celso-Gitahy-O-que-e-grafite-Livro>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

GONÇALVES, Anderson Xavier Tibau. **A pedagogia do spray**: o que faz grafiteiro, grafiteiro. 2006. 169f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca\\_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=9455@1](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=9455@1)>. Acesso em: 17 jun. 2014

LARA, Arthur Hunold. **Grafite**: arte urbana em movimento. 1996. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/157954302/Arthur-Hunold-Lara-Grafite-Arte-Urbana-Em-Movimento-Tese-Mestrado-USP>>. Acesso em: 06 jul. 2015.

SILVEIRA, Fabrício. **Grafite expandido**. Porto Alegre: Modelo de Nuvem, 2012.

SOUZA, David da Costa Aguiar de. **O olho ocidental e o gosto**: uma leitura sociológica do processo de legitimação do grafite como expressão artística no Brasil. 2013. 211 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[http://www.bdtd.uerj.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=6125](http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6125)>. Acesso em: 15 out. 2016.

URIBE, Cristián. El arte urbano y la producción de sentidos políticos juveniles. In: JORNADAS DE JÓVENES INVESTIGADORES, 6., Buenos Aires, 2011. **Anais...** Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2011. Disponível em: <<https://www.academica.org/000-093/108.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2016.